

Peripécias da tradução: Dificuldades da recriação no conto “El jorobadito”, de

Roberto Arlt.*

Eleonora Frenkel Barretto **

Resumo

O artigo apresenta os comentários da tradução do conto *El jorobadito* de Roberto Arlt. Faz, inicialmente, uma breve caracterização do escritor e da obra em questão para, em seguida, descrever as estratégias de tradução adotadas e as dificuldades que surgiram no processo tradutório. As estratégias de tradução devem ser compreendidas dentro de um projeto de tradução que, por sua vez, é informado por uma determinada teoria da tradução, cujos princípios também se apresentam brevemente no artigo.

Palavras Chave: Tradução comentada; Teoria da tradução; Literatura argentina.

Abstract

This article analyzes the translation of “El jorobadito” (“The little hunchback”) a tale by Roberto Art. It begins with a brief introduction of the author and his works and then describes the strategies used as well as the difficulties experienced in the translation process. Translation strategies must be understood as a part of a translation project that follows a specific translation theory. These theoretical principles are also briefly referred hereby.

Keywords: Commented Translation; Translation Theory; Argentinian Literature.

Fundamentos Teóricos

Os princípios teóricos que fundamentam o projeto de tradução provêm de Antoine Berman e Lawrence Venuti; destaco a seguir alguns deles. Primeiramente, a idéia da tradução como obra independente e autônoma, embora baseada em um trabalho subjacente. Neste caso, não se trata de superestimar o valor da tradução, mas sim de assumir que ambas

são obras dotadas de singularidade e originalidade; como afirma Venuti (1986: 114): “não se pode pressupor uma relação de co-extensão entre o texto-fonte e a tradução. Em sua forma natural, a tradução excede o original”. A tradução não é meramente uma reprodução a partir de um texto determinado, mas uma recriação da forma e, portanto, do conteúdo. A partir do axioma latino “a forma dá existência às coisas”, Venuti (2002: 115) afirma:

O conselho aparentemente citou esse princípio metafísico para estabelecer a autonomia relativa da tradução com relação ao texto estrangeiro: o ato de traduzir é visto como um ato de criação da forma e, portanto, pode-se dizer que a tradução existe como um objeto independente do trabalho subjacente ao qual está baseada.

É por isto que ambos os teóricos afirmam a necessidade de que o tradutor seja visível na tradução, através de decisões criativas e originais, que não procurem apagar as marcas da língua de partida, mas que, ao contrário, deixem-na transparecer, causando certa estranheza, com o intuito de revelar, manifestar o estrangeiro; é o que Venuti (1986) denomina “estrangeirização como resistência”, em oposição à estratégia da fluência, determinada pelas ideologias da “consumibilidade” e do individualismo:

...Uma estratégia que coloque em primeiro plano a materialidade do texto como tradução, como algo que não pode ser confundido nem com o texto na língua-fonte nem com um texto originariamente escrito na língua-meta. A tradução deve ser vista como um tertium datum, que ‘soa estrangeiro’ para o leitor, mas tem uma aparência opaca que a impede de parecer uma janela transparente através da qual se visse o autor ou o texto original: é esta opacidade – um uso da língua que resiste à leitura fácil segundo os padrões contemporâneos – que deixará visível a intervenção do tradutor, seu confronto com a natureza alienígena do texto estrangeiro. Uma tradução deste tipo será lida, simplesmente, como se houvesse sido traduzida. (Venuti, 1986: 117-118)

A maneira de alcançar isto é, segundo Berman, traduzir de forma “literalizante”, o que não significa “palavra por palavra”, mas trabalhando as características estilísticas do texto, ou seja, não reduzindo a tradução à busca de um sentido equivalente na língua de chegada, mas aproveitando ao máximo as construções na língua de partida, buscando, com isto, um enriquecimento da língua de chegada, um redirecionamento da criatividade literária, uma defesa da língua e das relações interlínguas e uma manifestação contrária à homogeneização crescente dos sistemas de comunicação.

Segundo Berman (1999, *mimeo*:1): “traduzir a *letra* de um texto não se reduz absolutamente a traduzir palavra por palavra”; ao traduzir um provérbio, por exemplo, colocam-se duas possibilidades: procurar um equivalente ou traduzi-lo literalmente; neste último caso, não basta traduzir palavra por palavra, mas “há também que trabalhar o seu ritmo, comprimento (ou sua concisão), suas eventuais aliterações, etc.”

A idéia da tradução “literalisante” opõe-se à tentativa de apagar as estranhezas do texto traduzido para facilitar sua leitura e, com isso, apagar as marcas da cultura do texto de partida, “desfigurando-o”. Segundo Berman (1999, *mimeo*: 35 e 37): “precisa-se, como no caso da ciência, de uma educação à estranheza”. Neste sentido, a “meta ética” da tradução não é apenas comunicar, mas “abrir o Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua” e “abrir é mais que comunicar, é revelar, manifestar”.

Sobre o conto: “El Jorobadito”, de Roberto Arlt.

“El jorobadito” é um conto publicado, em 1933, em um volume homônimo que reúne oito outros relatos. Em alguns deles observa-se uma preocupação como o real, reflexões sobre a realidade social e a condição humana; e em outros há uma inclinação para o fantástico, para o sobrenatural, fazendo o contraponto com a experiência do real. Adolfo Prieto foi um dos primeiros críticos em chamar a atenção para a importância do fantástico em Roberto Arlt (Cf. Cervantes Virtual).

No conto aqui traduzido sobressai a crítica à realidade social e à condição humana; esta última está contida na própria temática do relato: uma violenta denúncia da repulsa social e conseqüente discriminação de um ser humano que não se adéqua aos padrões estéticos dominantes, que, ao contrário, possui uma deformidade física com a qual a sociedade tem extrema dificuldade de lidar.

A esta denúncia subjazem outras críticas, como à instituição do casamento e da família, como na amarga passagem em que afirma experimentar “un sentimiento de vergüenza y de lástima cuando un buen señor se entusiasma frente a mí con el pretexto de que su esposa lo ha hecho ‘padre de familia’”, e que ao contrário de felicitar-nos pelo nascimento de uma criança, “debíamos llorar de haber provocado la aparición en este

mundo de un mísero y débil cuerpo humano, que a través de los años sufrirá incontables horas de dolor y escasísimos minutos de alegría” (Arlt, 1997:19).

Esta crítica vem acompanhada de uma repulsa à atitude elitista de uma família tradicional urbana do início do século XX, em Buenos Aires, que busca um marido para sua filha e atribui, ao primeiro, determinadas exigências concebidas segundo as convenções da sociedade:

Ellas, la madre y la hija, me atraían a sus preocupaciones mezquinas, a su vida sórdida, sin ideales, una existencia gris, la verdadera noria de nuestro lenguaje popular, en el que la personalidad a medida que pasan los días se va desintegrando bajo el peso de las obligaciones económicas, que tienen la virtud de convertirlo a un hombre en uno de esos autómatas con cuello postizo, a quienes la mujer y la suegra retan a cada instante porque no trajo más dinero o no llegó a la hora establecida. (Arlt, 1997: 19)

Isto tudo atravessado por um profundo sentimento de descrença em relação ao homem, de amargura e sofrimento pessoal, como se observa na seguinte passagem:

Por otra parte, si hubiera que tamizar mis actos, ese tamiz a emplearse debería llamarse Sufrimiento. Soy un hombre que ha padecido mucho. No negaré que dichos padecimientos han encontrado su origen en mi exceso de sensibilidad, tan agudizada que cuando me encontraba frente a alguien he creído percibir hasta el matiz del color que tenían sus pensamientos, y lo más grave es que no me he equivocado nunca.

De este modo, involuntariamente, fui descubriendo todo el sedimento de bajeza humana que encubren los actos aparentemente más leves, y hombres que eran buenos y perfectos para sus prójimos, fueron, para mí, lo que Cristo llamó sepulcros encalados. Lentamente se agrió mi natural bondad convirtiéndome en un sujeto taciturno e irónico. (Arlt, 1997: 11)

Além de crítico, o tom do relato é bastante irônico, utiliza um léxico rebuscado e chama a atenção o uso de muitos adjetivos, como no caso do próprio personagem, que é denominado: “jorobadito”, “giboso”, “corcovado”. A tradução procurou preservar esta riqueza nos adjetivos e também resgatar substantivos variados, utilizando inclusive alguns tidos como obsoletos pelo dicionário eletrônico Houaiss, como no caso de “cafiola” como tradução de “cafishio”; outro exemplo seria a manutenção dos termos “viandantes” e “catadura” no texto de chegada, bem como a tradução de “inarrugable” por

“inamarrotável”, termo certamente pouco conhecido, mas que pode ser encontrado em alguns poucos casos, como em uma breve pesquisa onde se localizou em “Portuguese-English Dictionary” (www.websters – online – dictionary.org).

Processo de Tradução

As dificuldades da tradução se apresentam já no título do conto que dá nome ao livro publicado em 1933: “El jorobadito”. O nome na linguagem portenha refere-se à corcunda, a deformidade na coluna vertebral do homem que provoca uma acentuada curvatura nas costas, mas não somente: refere-se também a uma gíria corrente que diz respeito ao verbo “jorobar”, que seria “molestar” ou “fastidiar”, ou seja “encher o saco”, e indo um pouco mais longe, “jorobar a alguien” pode ser “causar mal a alguém”; finalmente, em última instância, o “jorobado” não é apenas um “corcunda”, mas pode ser alguém “maltratado”, “ultrajado”. Como preservar ambos os sentidos? Acredito que não seja possível, mas como a tradução implica em perdas e ganhos, a opção por “giboso” pretende denominar a corcunda em si, mas acrescentar algo mais, utilizando um termo com uma conotação negativa, talvez “repugnante”. Não se trata de um equivalente, mas sim de uma opção consciente pela preservação de um significado em detrimento de outro e por uma palavra que denota outro aspecto trazido à tona pelo texto: a repulsa social pela deformidade física de um homem.

Esta perda poderia ser pensada como uma das tendências deformadoras apresentadas por Berman (1999, *mimeo*): “a destruição das redes significantes subjacentes”, ou seja, as entrelinhas, a parte “subjacente” do texto manifesto. Outro caso no qual se coloca esta questão é no uso da palavra “fueros” que designa não apenas a “arrogância”, mas também os “foros” judiciais; outro é “contrahechos”, aqueles que têm corcova, mas também uma imitação, uma falsificação; a opção por “malfeitos” procura preservar precariamente ao menos uma indicação dos dois sentidos.

Outro caso se dá em: “¿Qué te ha hecho la *marrana*?”, onde o adjetivo não se refere somente à fêmea do porco, mas à mulher suja, à pessoa grosseira, de modo que “imunda” pretende designar algo neste sentido; o adjetivo “marrano” em português não seria apropriado por ter também a seguinte acepção, conforme o dicionário eletrônico Houaiss:

“na Espanha e em Portugal, designação injuriosa que se dava outrora aos mouros e especialmente aos judeus batizados, suspeitos de se conservarem leais ao judaísmo.”

Há outros três termos que podem ser comentados: no caso de “novia” não há distinção como em português entre “namorada” e “noiva”, de modo que no conto supõe-se que Elsa é “noiva” do narrador; enquanto em outro momento, quando o corcunda afirma: “Seguramente que no deben faltarle novias”, optou-se por “namoradas”. Outro caso interessante é “ferretería” que traduzida para “loja de ferragens” ficaria bastante pobre, de modo que a opção foi fazer uma mudança para “a casa de um ferrageiro”, incorrendo em um “alongamento” no texto traduzido. Na expressão “más bueno que el pan francés”, optou-se por “mais *fofo* que o pão francês”; não é o mesmo, mas como em português não se daria a dupla conotação “de bueno”-“rico”/ “gostoso” e “bondadoso”/ “bondoso”, “amável”, a opção foi alterar e designar com “fofo” a consistência do pão e ao mesmo tempo um adjetivo utilizado para denominar a alguém que agrada, que é simpático, gracioso. Em “el último remendón de portal” a escolha também tendeu para o sentido, com “o último remendão de *fundo de quintal*”, de segunda categoria, simples, algo semelhante ao que se designa com “portal”, na porta da casa, de improviso, não em um local específico para a atividade.

O termo “pelafustán” é uma gíria da linguagem popular que sequer consta em dicionários como o da RAE, o Larousse ou o Señas; consta em dicionários específicos de “lunfardo”ⁱ, como “persona holgazana y pobretona”; neste caso, a opção por “pé-rapado” pretende resgatar esta conotação popular. Ao contrário, no caso de “vacilar”, a opção da tradução “hesitar” foi justamente para não dar a conotação de gíria no texto de chegada, já que no texto de partida não o é.

Há outras escolhas que podem ser mencionadas, onde houve uma preocupação com o registro, operando-se em alguns casos uma mudança, ou onde se observam algumas das tendências deformadoras apontadas por Berman (1999):

- “altercado” – contenda: altercado seria muito formal para a situação, “contenda” já é uma elevação de registro.
- “barandal” – balaustrada; “añadía” – apensava: elevação de registro.
- “osezno” – ursinho; “traíllas” – correias: mudança de registro, vulgarização do texto.

- “chancha” – a esta suíña; “rojo” – a cor rubra: enobrecimento, embelezamento estético do discurso e um *alongamento* do texto.

- “tuteo” – tuteio; “plafón” - plafonnier e “quiniela” - quiniela: exotização através de itálicos que isolam o que não estava isolado no original.

- “ráfagas de viento encallejonadas en las bocacalles” – rajadas de vento encanado nos calejões: procurou-se não operar um empobrecimento quantitativo, ou seja, uma perda lexical, mas certamente resultou uma perda estilística.

No trecho a seguir, a opção terminou sendo uma clarificação, uma explicitação de algo que não está claro no texto de partida, o que não garante que esta interpretação seja acertada:

“No se veía alma viviente por las calles, y una claridad espectral caída del segundo cielo *que contenían las combadas nubes*, hacía más nítidos los contornos de las fachadas y sus cresterías funerarias.”

Não se via alma viva pelas ruas, e uma claridade espectral caída do segundo céu *que emanava das curvadas nuvens*, tornava mais nítidos os contornos das fachadas e suas cristas funerárias.

Algumas dificuldades observadas dizem respeito às próprias características de cada língua. No caso da frase: “mis singularidades no me acarrearón mayores desventuras, de no perfeccionarlas estrangulando a Rigoletto”, como dizer “de no perfeccionarlas” em português? Devido à dificuldade em encontrar solução melhor, optei pelo que poderia ser definido por Berman (1999, *mimeo*) como uma “tendência deformadora”: o “alongamento”, ou seja, o desdobramento, o aumento de volume, de “massa bruta do texto”: “minhas singularidades não me acarretaram maiores desventuras, *se não as houvesse aperfeiçoado* estrangulando Rigoletto.” É o mesmo caso da tradução de: “Los odiaba *al tiempo* que me atraían...”, por: “Odiava-os *ao mesmo tempo em que* me atraíam...”

Outro aspecto refere-se ao uso de tempos verbais compostos, como o “pretérito perfecto compuesto” neste exemplo: “...cuando me encontraba frente a alguien *he creído* percibir hasta el matiz del color que tenían sus pensamientos...”; neste caso, a opção foi

inserir o advérbio “já”, para manter o ritmo da sentença: “...quando me encontrava diante de alguém *já* acreditei perceber até o matiz da cor que tinham seus pensamentos...”

Em alguns outros casos, operou-se uma mudança de tempo verbal:

“...serruchando las tablas del ataúd *que me iban a sumergir* en la nada.”

“...serrando as tábuas do ataúde *que me afundariam* no nada.”

“...lo poco bueno que persistía en mí *iba a naufragar si yo aceptaba* la situación que traía aparejada el compromiso.”

“...o pouco de bom que persistia em mim *naufragaria se eu aceitasse* a situação que vinha acompanhada do compromisso.”

“Y personas *hubo que me han dicho*...”

“E pessoas *houve que me dissessem*...”

Uma questão típica na tradução do espanhol para o português é o tratamento formal e o informal; Em espanhol, utiliza-se a segunda pessoa do singular (*tú*) para o tratamento informal (ou *vos*, no caso da Argentina e Uruguai) e a terceira pessoa do singular (*usted*) para o tratamento formal. No caso do português brasileiro, utiliza-se basicamente a terceira pessoa do singular (*você*) para o tratamento corrente e quando se quer um tom mais formal, utiliza-se *senhor/a*, mas a conjugação coincide com a de *você*, de modo que a distinção não aparece se o substantivo não for utilizado; o pronome (*tu*) utiliza-se apenas em algumas regiões do país, mas tampouco caracteriza uma distinção de formalidade no tratamento.

No conto, há algo significativo em relação a este tratamento formal ou informal pois o “giboso” trata de *usted* ao narrador, enquanto este último o trata de *vos*, ratificando seu desprezo pela figura do interlocutor. A dificuldade da tradução reside em reproduzir esta nuance, como no caso a seguir. Neste diálogo, observa-se bem a alternância de tratamento em espanhol, mas no caso do português a distinção não fica tão clara, de modo que a opção foi inserir “senhor” e “você”, correndo o risco de tornar a tradução explicativa demais:

- | | |
|---|---|
| - ¡No me <u>ultraje</u> ! | - Não me <u>ultraje, senhor</u> ! |
| - Bueno, Rigoletto, ¿ <u>aceptás o no aceptás</u> ? | - Bom, Rigoletto, <u>você aceita ou não aceita</u> ? |
| - ¿Y si ella se niega a dármelo o quedo desairado?... | - E se ela se negar a me beijar ou se ficar desairoso? |
| - <u>Te</u> daré veinte pesos. | - <u>Te</u> darei vinte <i>pesos</i> . |
| - ¿Y cuándo vamos a ir? | - E quando vamos? |
| - Mañana. <u>Cortáte</u> el pelo, <u>limpiáte</u> las uñas... | - Amanhã. <u>Corta</u> o cabelo, <u>limpa</u> as unhas... |
| - Bueno..., <u>présteme</u> cinco pesos... | - Bom..., <u>me empreste</u> cinco <i>pesos</i> ... |
| - <u>Tomá</u> diez. | - <u>Toma</u> dez. |

Com o intuito de exercitar os princípios teóricos desenvolvidos por Berman (1999) e Venuti (1986), procurei optar em alguns casos por palavras ou expressões que causem estranheza, que denotem a língua de partida, que revelem o tradutor e que coloquem o leitor diante de uma dúvida, diante de um termo que poderá soar diferente em um primeiro momento, mas que ao refletir um pouco, ou ao consultar um dicionário, encontrará uma acepção desconhecida ou esquecida que, em alguns casos, passará a enriquecer seu vocabulário. É o caso dos exemplos:

- “Retorcer o pescoço do giboso foi de minha parte um ato mais *ruinoso* e imprudente para meus interesses...”
- “Não me são ocultos os *succesos* piores que ocorrem sobre o planeta...”
- “(E isto a via de informação para os *aficionados* da teosofia e da metafísica)”
- “...na presença de um disforme não posso escapar do nauseabundo pensamento de me imaginar *corcoveado*, grotesco, *espantoso*...”
- “Prefiro qualquer coisa a ver você batendo com um *látigo* em uma porca inocente...”
- “...O giboso descarregava *lategadas* no crinado lombo da besta, *rechinando* os dentes como um demônio de teatro.”
- “Regozijava-se em transgredir minhas ordens e colocar a todo momento em evidência seu temperamento *sardônico* e feroz.”
- “Acreditava que as interpretariam, mas eis que agora estou aqui *abocado* à minha reputação *menoscabada*”
- “Por outro lado, se houvesse que *tamisar* meus atos, esse *tamis*...”

Outra situação está relacionada com a questão do uso dos pronomes, que em espanhol são tão corriqueiros e em português causam estranheza por parecer demasiado redundantes ou formais. Em alguns casos, optei por manter os pronomes, justamente para exercitar o seu uso em português:

“Pero estaba escrito que de un deforme debían *provenirme* tantas dificultades.”

“Mas estava escrito que de um disforme deveriam *advir-me* tantas dificuldades.”

É o mesmo caso da tradução de “heme aqui” por “tens-me aqui”.

Em outros casos, como em: “...me creo con derecho a afirmar que le hice un inmenso favor a la sociedad”, a opção foi simplesmente suprimir o pronome: “creio-me no direito de afirmar que fiz um inenso *favor à sociedade*.” O mesmo no caso de “Prefiero cualquier cosa a *verte pegándole* con un látigo a una inocente *cerda*”; a preservação dos pronomes resultaria uma redundância exagerada em português, de modo que “você” foi acrescentado para substituir um dos pronomes: “Prefiro qualquer coisa a *ver você batendo...*”. Pode-se dizer o mesmo para: ¿Qué se le importa?, onde se manteve apenas um pronome: “O que *lhe* importa?”.

No caso de: “Te conviene”, a opção foi manter uma estrutura formalmente equivocada em português: “Te convém”, causando estranheza, mas procurando reproduzir a língua falada, justamente porque se trata de um diálogo onde se destaca o tratamento informal.

No exemplo a seguir, a repetição dos pronomes no português pretende preservar a sonoridade, a rima do texto em espanhol:

“...ese tamiz a *emplearse* debería *llamarse* Sufrimiento.”

“...esse tamis a *empregar-se* debería *chamar-se* Sofrimento.”

Nos casos a seguir, o uso dos pronomes é uma “provocação literalisante”, um exercício que busca no português a redundância característica do espanhol na colocação pronominal:

“Imagínense ustedes...”

“Imaginem-se os senhores....”

“...porque a mí no me ha dado ninguna suerte!”

“...porque a mim não me deu nenhuma sorte”

“...no le parece a usted...”

“...não lhe parece ao senhor...”

Outra questão sempre presente na tradução encontra-se nas expressões, ditos ou provérbios; colocam-se duas possibilidades: encontrar um equivalente na língua de chegada ou buscar uma alternativa “literalizante”, com o intuito de apresentar a forma da língua de partida. Nos exemplos a seguir, as escolhas variam:

“Gritando a voz en cuello”: gritando a toda voz – procurou-se uma alternativa, nem literal nem equivalente.

“En mangas de camisa”: em mangas de camisa – foi possível optar por uma tradução literal, inclusive porque a mesma expressão figura no Houaiss eletrônico, embora não seja tão comum.

“Buen mozo” : bem-apessoado – optou-se por um equivalente, pois o literal não indicaria a aparência física.

“Que no estaba en mis cabales”: não estava em meus juízos - procurou-se uma alternativa, nem literal nem equivalente.

“Zurrarle la badana”: surrar-lhe a badana – optou-se pelo literal por acreditar que cabia no contexto, mas acrescentou-se uma nota explicativa apontando que se trata de uma expressão corrente em espanhol.

A dificuldade de optar sempre por um equivalente ou sempre por uma tradução “literalizante” é um indício do princípio de Berman (1995 e 1999, *mimeo*) de não prescrever a tradução, de não regrar sua prática, mas sim de tomá-la como um processo reflexivo de tomada de decisões. Neste sentido, Venuti cita Jirí Levy (1986: 113): “[...] ‘a tradução é um PROCESSO DE DECISÕES’”: uma série de situações consecutivas – como jogadas em um jogo – que impõem ao tradutor a necessidade de escolher entre um número determinado (e muitas vezes definível com exatidão) de alternativas”.

É neste sentido que Berman (1999, *mimeo*: 3) define a Tradutologia como uma “reflexão da tradução sobre si mesma a partir da sua natureza de experiência”, não como

algo normativo, mas sim como algo que se constitui no próprio processo de sua concretização, através de uma reflexão sobre o ato. Esta reflexão permite observar mais atentamente o que é traduzir, identificar seus limites irresolúveis e o enriquecimento potencial da língua e da literatura que se abre a partir de uma língua e literatura estrangeiras/estranhas.

Bibliografia

Antoine Berman. *La Traduction et la lettre ou l'alberge du lointain*. Paris: Éditions du Seuil, 1999. Tradução de Marie-Hélène Torres e Walter Costa. *Mimeo*.

_____. *A prova do estrangeiro*. São Paulo: Edusc, 2002. Tradução de Maria Emília P. Chanut.

_____. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Éditions Gallimard, 1995. Tradução de Marlova Gonsales Aseff. *Mimeo*.

Felipe B. Pedraza y Milagros Rodríguez. “La vanguardia argentina: Arlt, Marechal, Mallea”. In: F. B. Pedraza y M. Rodríguez. *Historia esencial de la literatura española e hispanoamericana*. Madrid/México/Buenos Aires: EDAF, 2000, pp. 572-577.

Lawrence Venuti. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. São Paulo: EDUSC, 1998.

_____. “A invisibilidade do tradutor”. *Palavra* 3, 1986, pp. 111-134. Tradução de Jorge Wanderley, de “The translator’s invisibility”. *Criticism* v. XXVIII, n.º 2, Spring 1996, Wayne State UP, pp. 179-212.

_____. *The translator’s invisibility*. London and New York: Routledge, 1995.

Roberto Arlt. “El Jorobadito”. Em: Roberto Arlt. *El Jorobadito*. Buenos Aires: Losada, 1997, pp. 9-26, 7a. Edição.

Páginas Internet

Cervantes Virtual: www.cervantesvirtual.com

Literatura Argentina: www.literatura.org

Dicionários

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0

Dicionário eletrônico Aurélio – Século XXI versão 3.0

Diccionario de la Real Academia Española (DRAE) electrónico

Señas. Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

* Artigo encaminhado à Comissão Editorial da Revista Scientia Translationis, em Janeiro de 2006.

** Aluna da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/CCE/UFSC).

ⁱ *El Rapidito*, elaborado por Héctor A. García (www.definicion.com) e *Todo Tango. Diccionario Lunfardo* (<http://www.todotango.com/spanish/biblioteca/lexicon/lexicon.html>).